



SOBRE A CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA DE SARTRE

Néder Rocha Abdo

Faculdade de Medicina de Catanduva, SP - Brasil
neder.abdo@hotmail.com

Resumo: O presente estudo avalia o pensamento de Sartre nos anos 60, baseando-se na análise da obra “Crítica da Razão Dialética”, enfatizando as contribuições deste autor nesta sua fase dita *dialética* e procurando associar estas contribuições com os conceitos da fase fenomenológica. No final procura-se estabelecer a importância de Sartre nas questões postas pela pós-modernidade.

Palavras-chave: Sartre. Crítica da razão Dialética. Pós-modernidade.

ON SARTRE'S CRITIQUE OF DIALECTICAL REASON

Abstract: *The present paper evaluates Sartre's thought in the sixties, based on the analysis of his work Critique of Dialectical Reason, further emphasizing the author's contributions in his dialectical phase and associating them with concepts of the phenomenological phase. At the end, it aims to establish the importance of Sartre in the issues raised by post-modernity.*

Keywords: *Sartre, Critique of dialectical reason, Post-modernity.*

* * *

Introdução

Após as décadas de 40 e 50 terem projetado Sartre e o seu Existencialismo no mundo filosófico, há um progressivo desencanto com o pensamento deste filósofo a partir de 1960, especialmente devido às novas gerações de pensadores estruturalistas, pós- estruturalistas, marxistas e desconstrucionistas (HOWELLS, 1992, p. 1). Este trabalho visa entender o que acontece com o pensamento de Sartre na década de 60, apreciando, para tanto, sua obra “Crítica da Razão Dialética” (CRD 1). Tal objetivo tem como premissa que as contribuições desta fase tardia, dita dialética, deste filósofo - reavaliadas e redimensionadas – são de capital importância no encaminhamento da questão que a pós-modernidade apresenta: o que pode ser o Sujeito humano se o descentralizarmos do projeto racional legado pela cultura moderna e iluminista?

Sartre inicia sua produção filosófica na década de 30, a partir do conhecimento da Fenomenologia de Husserl, enxergando nesta a oportunidade de ultrapassar as noções de sujeito do conhecimento e de epistemologia existentes na

França no período citado (MOUTINHO, 2006, p. 2), a partir da afirmação que “Consciência é sempre Consciência de alguma coisa”¹, ou seja; que o primado da experiência (o “alguma coisa” da frase acima) - seja de que tipo for - poderia levar a Filosofia a um lugar concreto, capaz de asseverar sobre a vida real.

Este Sujeito da experiência é descrito em “A Transcendência do Ego” como aquele que pode realizar a experiência originária anterior à cognição. Irrefletida e espontânea tal experiência deve-se não ao Ego, mas sim à Consciência não substancial (porque é uma propriedade da matéria) que não possui identidade egóica, e que responde pelo campo transcendental constitutivo do Sujeito humano (BARNES, 1992, p. 14).

O próprio conceito de liberdade, tão caro a Sartre e que começa a ser delineado na década de 40 na obra “O Ser e o Nada”, necessita desta distinção entre Consciência e Ego, pois não se trata de um Sujeito Egóico que escolhe frente a um mundo que lhe dá opções, e sim de uma Consciência que define as significações deste mundo e, assim, põem as opções frente a si mesma para, em seguida, encurtando seu campo transcendental aquém a estas opções, poder sempre escolher.

O pensamento de Sartre já na origem esboça a ética que sempre será o pano de fundo de sua produção toda: trata-se de converter o homem; fazê-lo libertar das amarras que, até neste momento de sua obra, se constituem na ilusão do Ego, de maneira particular, e do autoengano (má-fé) de maneira geral, descobrindo-se como Consciência livre capaz de dar sentido a um mundo sem propósito. Assim, o papel da filosofia de Sartre será sempre a ética de libertar o Homem, mesmo que esta libertação implique em angústia, pois a verdade deste é um ativismo absoluto que dependendo sempre de si mesmo, se angustia frente à necessidade sem desculpas de ser o demiurgo da significação do mundo e, principalmente, de si próprio (SARTRE, 1997, pg. 81).

Já na década de 40, porém, com a vivência da segunda guerra mundial, Sartre – como ele mesmo descreve - encontra a História, ou seja, encontra a força das contingências que atuando sobre a Consciência traria a esta um sedimento de passividade que em “O Ser e o Nada” é apenas descrito com “situação” (SARTRE, 1997, p.593), mas que agora passa a ser entendido como algo que afeta e determina em certa intensidade as Consciências. Não que a Consciência não seja livre, mas sim que esta liberdade seja uma resultante de atividade e passividade existentes.

Na década de 50, Sartre será atacado por religiosos no sentido que seu Existencialismo ateu ignora o sentido transcendente do mundo, pelos marxistas pela falta da reflexão sobre o fenômeno social no seu pensamento (a teoria do olhar de “O Ser e o Nada” não dá conta da solipsismo que sua doutrina desemboca) e, por Merleau-Ponty, que em sua obra “As Aventuras da Dialética” tece críticas ao nosso filósofo, dizendo que o pensamento dele é ainda filosofia da Consciência, que não há nada concreto e objetivo na sua doutrina e que Sartre não deveria deduzir o social através de conceitos psicológicos (FLYNN, 1992, p. 240)

¹ (...) “a particularidade intrínseca e geral que a consciência tem de ser consciência de qualquer coisa, de trazer na sua qualidade de cogito, o seu *cogitatum* em si próprio” (Husserl, Meditações Cartesianas, Porto: Rés, 2001, pg. 48).

Um olhar sobre a “Crítica da Razão Dialética”

Este é o cenário em que foi forjada a CRD 1, livro aonde Sartre através da lógica dialética tenta conciliar atividade e passividade, mantendo ainda como papel principal de seu pensamento a conversão do Homem - agora descrita do desalienação - passando a procurar uma teoria da História – que necessariamente passa pelo fenômeno social – que seja de fundo existencialista, onde a alienação seria um acontecimento que exige tal abordagem existencial para se elucidar, como podemos ver no capítulo C do primeiro livro da CRD 1 (SARTRE, 2002, p. 264).

Surpreendentemente, já que o balanço entre atividade e passividade do agente histórico seria uma ideia contra o marxismo, uma vez que este pensamento prevê que a Consciência fosse apenas um produto das condições econômicas e, portanto, legando à Consciência uma passividade absoluta, Sartre irá dizer que Marx não seria marxista, ou seja, que os seguidores oficiais teriam traído Marx e que este previa o citado balanço entre atividade e passividade. Desta forma e de maneira incompreensível, Sartre critica ferozmente o marxismo e inexplicavelmente poupa Marx, produzindo uma difícil missão em quem lê a CRD 1 e principalmente “Questão de Método” (QM), qual seja: detectado todo o determinismo de Marx, assistir a uma tentativa de se produzir filosofia existencialista dentro da ideologia marxista. A análise de Sartre da frase de Marx “O Homem escreve a História, mas sob condições que o determina”, por exemplo, ao invés de se entendida como um libelo a favor do determinismo transforma-se sem nenhuma justificativa plausível, num “prova” de que Marx não seria determinista como os marxistas posteriores, uma vez que tal frase estaria enfatizando que “o homem é o produto de seu produto” (SARTRE, 2002, p. 74).

Olhando com vagar a CRD 1, vemos que são quatro ideias mestras que se entretecem e sustentam toda sua empreitada: 1- A questão da dicotomia entre Ser e Saber. 2- A questão da dialética. 3- O conceito de práxis. 4- E o conceito de prático inerte. Passaremos tais conceitos em revista abaixo, pois julgamos que estas ideias e suas articulações compõem toda a especificidade e originalidade do pensamento de Sartre dos anos 60.

1) - Sob o conceito de dialética operado por Sartre, podemos notar qual a filiação filosófica do autor dentro da própria história da dialética. De fato, é em Hegel que Sartre irá buscar o conceito de dialética quando em CRD 1 tentar edificar sua Antropologia, definindo o homem como “uma totalização devinda” (SARTRE, 2002, p. 14) isto é, como algo em se constituindo e que não é apenas constituído ou constituinte, ou melhor, o Homem como um momento de uma totalidade em movimento que está permanentemente sendo construída. De fato, mesmo na sua primeira articulação em “A Transcendência do Ego” referente aos níveis da Consciência (SARTRE, 2010, p. 219), vê-se claramente que Sartre assume uma concepção processual até a Consciência de terceiro grau ou Reflexiva, procedendo a cada nível com sínteses, o que evidencia que, de certa forma, ele já é dialético mesmo na sua fase fenomenológica.

Rotulando, porém, a dialética de Hegel de dialética dogmática, já que esta se baseia dogmaticamente num pretenso fim da história do pensamento (isto é, no fim do movimento histórico) e, principalmente, na racionalidade do Ser (isto é, no idealismo ontológico), o que levaria a um monismo idealista que, do conceito puro ao saber absoluto, constituiria uma totalidade absoluta, Sartre conclui que estas duas afirmações não têm suas validades discutidas e, portanto devem ser rejeitadas.

Desta forma, aceita a dialética como movimento fundamental do Ser, mas rejeita a terminalidade que o idealismo absoluto prevê, bem como rejeita o idealismo ontológico, ou seja, aquele que vê a Ideia como o fundamento do Ser (SARTRE, 2002, p. 143).

O problema fica mais intenso quando Sartre aceita a crítica que Kierkegaard fez a Hegel ao estabelecer a dicotomia insuperável entre o Ser e o Saber (ou o Pensamento), reservando à Subjetividade um local fora do sistema absoluto. Se por um lado esta aceitação do Homem ou de sua essência (mesmo que ela seja a Existência) fora do sistema absoluto decreta a morte ao idealismo ontológico, por outro lado cria um dualismo incontornável que levaria a um irracionalismo e a um ceticismo, modos pelos quais a filosofia de Kierkegaard pode ser compreendida (SARTRE, 2002, p. 25).

Marx irá também criticar Hegel pelo mesmo motivo, isto é, pelo monismo idealista, mas proporá uma superação do dualismo entre Ser e Conhecer inaugurado por Kierkegaard através da posição materialista absoluta, ou seja, o Todo é material e o Saber /Pensamento é apenas uma forma de ação do Homem. Segundo Sartre, Marx com este pensamento que entende o Materialismo apenas como sendo a Natureza sem nenhuma adição estranha (SARTRE, 2002, p. 148) estaria ainda dando ao homem e à sua ação/pensamento um papel diferenciado embora totalmente dentro da materialidade. Já Engels e os marxistas pós Marx, ainda segundo Sartre, teriam entendido que o homem não tem qualquer distinção com o resto da Natureza, incidindo num monismo materialista dogmático que mimetizaria o idealismo dogmático, já que, *ex officio*, decretaria que a Natureza é dialética e colocaria o homem como algo a ser constituído cega e passivamente pelas leis naturais.

Tal deformidade é a que teria levado o socialismo soviético a se esquecer do homem e, tal absurdidade poderia ser corrigida pelo pensamento existencialista que, assim, deve ser entendido como a ideologia encravada dentro do próprio marxismo, cuja função seria recuperar o marxismo de Marx, aquele que dentro de um materialismo dialético mantém o homem como um setor ontológico especial, sendo esta a conclusão do “Discurso do Método” que abre as primeiras 134 páginas da CRD 1.

Se agora observarmos o pensamento de Sartre sobre este assunto da posição metafísica entre Ser e Saber, veremos que em “A Transcendência do Ego” (SARTRE, 2010, p. 221) tal dicotomia é aceita, colocando-se a Consciência como essência transcendental do Homem (mesmo que vazia), purificada de toda estrutura egológica; essência esta fora do mundo, o que levaria este pensador, embora colocando o campo mental dentro do mundo e fora da Consciência, a uma posição diferencial apenas nos limites e zonas de fronteira, mas substancialmente próxima à dicotomia estabelecida por Kierkegaard.

A resolução da dicotomia, a nosso ver, só se iniciara com o conceito de “fenômeno” de Sartre, descrito em “O Ser e o Nada” (SARTRE, 2002, p. 15- 17). A Totalidade material designada de ser-em-si pode ser modificada pela ação portadora de uma intencionalidade (práxis) (SARTRE, 2002, p. 806), apreendida pela intuição (SARTRE, 2002, p. 208) e totalizada pela Imaginação (SARTRE, 2002, p.163), de tal forma que este ser-em-si, também chamado de inerte – após ser dessa maneira tocado pela Consciência, é incluso no circuito da ipseidade como “mundo”. Este mundo e a Consciência, ao comporem o circuito da ipseidade são unificados –

embora ontologicamente diferentes – num só campo, dito campo prático onde vige a dialética, configurando um monismo que supera a dicotomia kierkegaardiana. Assim, o fenômeno, para Sartre, é indicativo de si mesmo e, todo existente nada mais é do que a série de aparições que o manifesta (SARTRE, 2002, p. 14-16).

Esta é a solução de Sartre a questão do dualismo: A dialética é a lógica que vige no movimento incessante que compõe o mundo humano, mundo este único e material. O resultado soa parecido com a redução fenomenológica de Husserl, pois limita a descrição ao que é experimentado pelo homem, mas com uma diferença substancial. Em Sartre os objetos puros de Husserl, que neste pensador ficavam fora da discussão filosófica, uma vez que haviam sido postos sob parênteses pela *epoché*, são alvos possíveis da ação do ser-para-si e, assim, a filosofia poderia descrever as coisas em si.

Poderia se argumentar que por alijar o ser-em-si não experimentado pela subjetividade do campo ontológico, ficaria a filosofia restrita e a solução do pensador em questão seria criticável, mas Sartre insiste que se não incluirmos o homem na questão, ninguém estaria ali para ver ou decidir sobre o que é o ser-em-si e, assim, a restrição é apenas funcional, já que todo o ser-em-si pode, pelo menos potencialmente, ser tocado pela Consciência.

2) - A práxis, segundo Sartre, seria a ação própria e específica do Homem, uma vez que ela é uma ação com finalidade de remanejar a materialidade do ser-em-si e que sempre se mantém consciente de sua funcionalidade como organismo (FRETZ, 1992, p.91). A práxis assume, portanto, funções que no pensamento fenomenológico de Sartre seriam da Consciência (FLYNN, 1992, p. 240). Tendo em vista a necessidade de que a leitura do pensamento de Sartre de 1960 se harmonize com seus trabalhos anteriores, acreditamos que devemos entender a práxis como a ação da Consciência, sendo que esta – a Consciência - possuiria também a intencionalidade, pois como práxis tal ação é sempre intencional, no sentido de agir sob finalidades. Além do mais, a Consciência é que daria à práxis a capacidade de apreender-se enquanto unidade que age e de apreender o resultado de sua ação, isto é, seria da Consciência a intuição que inicia o processo de compreensão que tornará inteligível toda ação seja individual ou coletiva sincrônica ou diacrônica (História). Em unitermos, gostaríamos de propor o seguinte sumário: a Consciência, esta propriedade especial da matéria, se triparte ao fim e ao cabo em três subpropriedades: Intuição, Intencionalidade e Ação (práxis).

Desta forma, diferente de muitos comentadores e em se valorizando o primeiro capítulo da CRD 1 (A Práxis como Totalização), não diremos que a práxis é a ação do Homem no ambiente, pois embora tal ação seja de fato práxis, o pensamento de Sartre estabelece que mesmo antes da totalização de chamamos “Homem”, ao nível não ainda Antropológico e sim Ontológico do Homem, é a Consciência que, ao agir intencionalmente, já é sempre práxis. Por isso a práxis é, para Sartre, ontologicamente livre (FLYNN, 1992, p. 240): ela é a Consciência quando esta age presentemente, temporizando-se a partir de um passado negado por uma intenção futura. Este tríptico movimento da Consciência como agente histórico, que se realizando repetitivamente gera uma espiralização de totalidades que vão sendo inscritas no ser-em-si (que desta forma transforma-se numa matéria trabalhada dita psíquica), deve ser chamado de dialético.

3) - Se a Consciência age enquanto práxis, a lógica viva desta ação é dialética (SARTRE, 2002, p. 158). Sartre entende por leis deste movimento dialético

aquelas que foram descritas por Hegel e sumarizadas por Engels (SARTRE, 2002, p. 151). Elas seriam: Inversão da quantidade (exterior) em qualidade (interior), a interpenetração dos contrários, e a afirmação enquanto negação da negação.

Além destas, Sartre cita na pg. 137 da CRD 1 outras leis: Que os conflitos no interior do campo ontológico (numa pessoa ou num grupo) são o motor da História; que cada momento de uma série dialética deve ser compreendido a partir do momento inicial e lhe é irreduzível; que a História (na verdade a dialética, observação nossa) operaria a cada instante totalizações de totalizações., etc. Convém esclarecer que, para Sartre, tais leis são apenas descrições de como ocorre o movimento dialético, isto é, descrições de como a ação da Consciência se processa gerando compreensão e, por isso, entende-se que para este autor o que se discute no livro em questão são problemas da Filosofia Crítica (SARTRE, 2002, p.160).

Corroborando nossa interpretação de que a práxis é a ação da Consciência e que esta ação tem a lógica dialética, vemos que Sartre afirmar que uma totalidade, isto é, o produto da ação (totalidade) que a intuição interioriza, embora tenha o status de ser-em-si, ou seja, um prático inerte como veremos a seguir, na verdade - se exterior como as máquinas e ferramentas, e se interior como uma percepção ou imagem, por exemplo - é formada (a totalidade) pela Imaginação. Retirado este principio regulador da totalização só restaria silêncio inerte e sem propósito do ser-em-si. Imaginar, portanto, seria a parte sintética da ação (totalização) que sintetiza como totalidade os produtos da ação negadora que estabelece a dialética. Imaginação é a grande função irrealizante da Consciência, isto é, a função de realiza algo que está ausente ou inexistente (SARTRE, 1996, p. 14)

Desta forma, este processo de totalização como movimento último ou sintético da dialética, é realizado pela Imaginação que Sartre estudou nos anos 40, definindo-a também como ação que produz um *analogon*, ou seja, algo físico ou psíquico que seja um representante do objeto visado (SARTRE, 1996, p. 37).

O risco da leitura idealista desta ultima nesta construção do campo ontológico como um *analogon* meramente imaginado é enorme e, proporcional ao grau de desinformação sobre a produção de Sartre nos anos trinta e quarenta. A leitura idealista da CRP é fatalmente errônea, pois para Sartre a ação da Imaginação são atos que inscrevem no ser-em-si sua intenção e, assim Imaginar não é apenas um ato laçao da subjetividade egóica. Em “A Transcendência do Ego” vemos a afirmação que o Ego é um objeto do mundo, isto é, é ser-em-si, e assim a Imaginação não está a bel prazer do Ego, pelo contrário é ela que cria o Ego. Ela, a Imaginação, é função da Consciência e, a nosso ver, compõe a parte sintética da Dialética, esculpindo o campo ontológico na sua materialidade a partir das condições das multiplicidades envolvidas, e também fundamenta a práxis uma vez que esta já é dialética, ou seja, já na ação constituinte há uma síntese intencional (SARTRE, 2001, p. 195)

Naturalmente a síntese da Imaginação frente às totalizações diacrônica que compõe via práxis–processo a História, é sim uma elaboração, mas que depende destas práxis coletivas enquanto fatos, para sua posterior elaboração. Esta elaboração da História é uma ação humana, mas não ação subjetiva que levaria há um relativismo histórico, pois ela ocorreria a partir destes fatos. Assim, portanto, persistimos defendendo que CRD deve ter uma leitura radicalmente não idealista e que, não há ruptura no pensamento de Sartre, apenas novas totalizações do seu

próprio pensamento, frente aos fatos sociais que em década de 60 ele se põe a esclarecer.

4) - Sobre o conceito de ser prático inerte, temos que ele é herdeiro do conceito de ser-em-si. O campo prático inerte é o próprio ser-em-si (inerte) quando este é trabalhado e compreendido pela práxis humana, sendo, pois, um sedimento de matéria trabalhada quando esta é interiorizada e totalizada pelo agente histórico, não importando que esta matéria seja do tipo matéria física ou psíquica como o Ego. O ser-em-si é o inerte que reage com recalcitrância à práxis, mas que acaba por se transformar em prático inerte não só pelas mudanças materiais que sofre, mas a partir do momento da interiorização do seu significado (FLYNN, 1992, p. 241).

Este prático inerte, porém, deforma e por vezes inverte a intenção primeira da práxis constituinte e, como práxis constituída determina o homem como um “Outro”. Exemplos desta antidialética dados por Sartre são as inundações pela manipulação da terra na China e a inflação pelo acúmulo de ouro espanhol. Tais contrafinalidades não esperadas pela práxis que as originou, constituem o campo prático inerte que, acrescido da materialidade que age conforme a práxis que a originou (exemplos de constituintes do campo prático inerte seriam os objetos coletivos como um jornal ou uma catedral; as ideias como o racismo e as instituições como a burocracia do estado), acaba por determinar aos Homens comporem coletivos como objetos sociais, exemplificados pelas séries, os grupos em fusão, os grupos constituídos e as instituições.

A serialidade seria um agrupamento coletivo onde indivíduos solitários estão em situação prática inerte comum (como o fato de se estar numa fila de ônibus, por exemplo), compondo um coletivo onde cada um apenas é um número da série, e isto não deixa de ser um acontecimento onde passivamente os Homens são determinados pelo meio. Os grupos de fusão são constituídos quando a práxis dos elementos do grupo adquire uma uniformidade de propósito e que, por ações como juramentos de fidelidade e práticas de terrorismo dentro da fraternidade admitindo violência para a manutenção do grupo, acabam por constituir um grupo organizado com papéis definidos, incluindo um líder que pode encarnar todo o prático inerte que determinou o grupo em suas ações comuns. Tal encarnação do prático inerte será tematizada na CRD 2 propiciando que em o “ O Idiota da Família” (IF) Sartre explique o século XIX pela análise de Flaubert e, a situação da revolução russa através do estudo de Stalin. Estes duas pessoas seriam aquelas que encarnaram seu tempo, e, assim, a análise histórica acaba por não prescindir do estudo biográfico.

O grupo constituído, voltando à descrição dos objetos sociais, tende-se a se petrificar como o entorno material, transformando-se em instituição e estas são, na verdade, exemplos de objetos prático-inertes como vimos acima.

A esta dialética constituída dos grupos e séries, Sartre chama de dialética estática horizontal, para diferenciar da dialética estática vertical da dialética da ação dos homens sobre o entorno material. Como um grupo pode se transformar numa série e uma série num grupo, Sartre denomina esta mobilidade de dialética constituída dinâmica, sendo a CRD 1 estudo destas dialéticas constituídas. Já a dialética constituinte, propriamente o movimento progressivo do método sartriano regressivo-progressivo, só será abordada no livro IF, onde Sartre define a personalização do autor Gustave Flaubert, mostrando como se dá esta dialética que pode constituir através da práxis, mudanças na materialidade, no caso constituindo o

Homem. Com as obras: Questão de Método (QM), Crítica da Razão Dialética 1 e 2 (CRD 1 e 2) e O Idiota da Família (IF), Sartre fecha um círculo onde atividade e passividade são descritas como determinantes na constituição da História.

Propiciada pelo rico conceito de prático inerte e sua anti-dialética Sartre pôde equilibrar sua posição quanto liberdade do Homem; o que pode ser evidenciado pela lapidar frase construída pelo nosso pensador contra os marxistas: “Paul Valéry é um pequeno burguês, mas nem todo pequeno burguês é Valéry” (SARTRE, 1987, p. 56).

É notório que em CRD 1, Sartre se esforça para mostrar que o Homem, mesmo na abordagem social, mantém sua responsabilidade intransferível, seja enfatizando que toda anti-dialética do prático inerte foi suscitada inicialmente por uma práxis livre (mesmo que de outro Homem), seja dizendo que mesmo dentro de um grupo e, portanto, com práxis comuns, o homem só se perderia totalmente na coletividade se pensássemos esta como algo idealizado, semelhante ao indivíduo transcendental no pensamento kantiano (Cf. FLYNN, 1992, pg. 244).

Por fim, postos em revista os quatro tópicos fundamentais da CRD 1 segundo um ponto de vista, talvez nos seja permitido três breves observações críticas.

1) - Ao filosofar tendo como tema uma Antropologia, Sartre dá o objeto Humano como já construído e se põe numa seara que, a nosso ver, acaba não sendo nem filosofia nem ciência, e sim uma metaciência; metasociologia e metaeconomia, que se salva apenas pelo brilhantismo do autor.

A Ciência Antropológica daria conta suficientemente da investigação se recortarmos do ser-em-si algo que responda pelo objeto Homem. Uma Antropologia Filosófica só se justificaria se começasse por delimitar um novo objeto, ou seja, se iniciasse com uma Ontologia especial do Homem circunstanciada uma Ontologia Geral. Sartre em “O Ser e o Nada” produz minimamente uma Ontologia Geral que é definida pelo seu materialismo, mas realiza apenas uma Ontologia da Consciência e não do Homem e em CRD 1 passa, como dissemos acima, passa direto a uma Antropologia, ou seja, ao nível do Homem já constituído.

Exemplarmente, no capítulo dois, na famosa descrição de um intelectual no quarto de hotel vendo através de sua janela dois trabalhadores diferentes trabalhando, onde se conclui que as relações humanas na verdade são relações entre setores da materialidade, já se toma como óbvios os homens/corpos e o mundo material. Sobre estes assentamentos que clamam por um estudo genealógico lógico de sua realidade material, discute durante todo o livro em questão as possíveis relações dialéticas entres estes objetos sociais. Também aqui não se pode evocar que tal pertença do homem ou do mundo será sempre dialeticamente construída, pois elas já são dadas, como se pode ler em toda a CRD 1, onde apenas ocorrem descrições de como as relações entre estes objetos acabam por serem interiorizadas como totalizações que vão, neste subsumir sintético, produzindo o campo social e a História.

A dialética, que Sartre corretamente restringe a lógica da ação do homem e não do ser-em-si, negando, pois, a Dialética da Natureza, adquire na CRD 1 o status de uma lógica compreensiva de uma Razão dialética que, se descrita, traria a verdade não do Homem, mas das relações entre os homens e deste com o mundo, se rivalizando com a Antropologia científica onde tal descrição se assentaria na base da Razão analítica, modo suposto onde estariam todas as Ciências Humanas

fundamentada na dicotomia sujeito/objeto. Vê-se que ambição de rivalidade contra as Ciências Humanas só pode ser aspirada por Sartre por causa da colocação do problema, ou seja, a nosso ver, a CRD 1 estabelece-se num terreno Antropológico de problemas de fato onde a Ciência é soberana.

Sartre, a nosso ver, realiza na CRD 1 uma filosofia da história, pois parte do mesmo ponto dos historiadores, ou seja, parte da visão de homens dentro do mundo que no tempo inscrevem suas obras na matéria que, se interrogada, poderá nos dar algo de verdade sobre o Homem, enfim, realiza como toda Ciência Humana o périplo “das obras até o Homem”, no sentido de entender este, mas sem o rigor que as Ciências exigem e que podemos ver em um Durkheim ou em um Weber, haja vista a vinculação *a priori* de Sartre dentro da ideologia marxista. Enfim, que CRD seja um projeto metacientífico, nem ciência nem filosofia, mas que, todavia, enriquece a ambas.

2) – Sartre aceita partes enormes da ideologia marxista, o que inclui a sua já superada escatologia, através de um raciocínio que parece feito de encomenda para legitimá-la. Trata-se de começar toda sua análise por um “fato transcendental” que Sartre chama de escassez ou raridade.

É esta escassez de possibilidades do campo prático de contemplar as necessidades das práxis, que é totalizada como violência, acabando por gerar conflitos entre os grupos citados. Tal violência seria enquanto luta de classes, o motor que dialeticamente, isto é, por conflitos, geraria a história. Naturalmente tal raciocínio subentende a necessidade alimentar em particular e de sobrevivência em geral como um fato incontestado universal e único, o que, se por um lado deixa em aberto o questionamento sobre o que tipo de necessidade tem o Homem, por outro se ajusta perfeitamente na visão histórica marxista, baseada no materialismo econômico (Economia é o estudo das formas do Homem produzir seu sustento), permitindo que Sartre compartilhe com Marx do utópico socialismo de abundância onde, associado à superação do ser de classes (uma vez que a escassez é que gera toda a unilateralidade ideológica das classes sócio/econômicas diferenciais), teríamos uma vida de liberdade, tão cara no existencialismo do autor em questão.

Nossa segunda crítica baseia-se nesta apropriação a nosso ver espúria das teses do historicismo materialista próprio de Marx e de suas consequências nas questões proletariado/burguesia, determinismo/liberdade, filosofia/ciência, etc. Sartre se apropria de tais soluções marxistas sem perceber que elas implicam em contradições com o seu próprio projeto de uma teoria existencialista história; o que acaba produzindo em CRD um texto híbrido que todo momento foge a um *approach* único que revelasse claramente toda a independência e originalidade do autor.

3) - Após ter se postado dentro da orientação natural de Husserl (crítica 1) e de iniciar sua Antropologia com um *a priori* marxista (crítica 2), Sartre, ao falar sobre as macro totalizações (que no texto póstumo e não terminado que se constitui na CRD 2 são chamadas de totalização de envolvimento): a Cultura e a História, acaba por descrever os membros dos grupos dentro de uma constituição triádica. Em nível social ninguém é isolado, pois a Cultura enquanto totalização das significações circulantes (FLYNN, 1992, p. 242) - não como o espírito objetivo de Hegel posto que o conceito de prático inerte é que lhe corresponderia aproximadamente – seria o amalgama de uma sociedade constituída por membros triadicamente ligados. Embora tal relacionamento entre os membros do grupo seja realmente dialético, gostaríamos de salientar que, a nosso ver, a mediação terceira não poderia ser

legitimada a partir da “verdade” das lutas de classes e o movimento histórico, pois isto recairia no débito indevido a ideologia marxista e se tomaria algo fundado como algo fundante. Ao contrário, pensamos que a mediação terceira deveria ser formalizada em nível da lógica dialética. E esta seria nossa terceira crítica à Sartre de CRD 1.

Conclusão

Finalmente, como apreciação geral desta leitura de CRD 1, temos que Sartre representa na atualidade um pensador que enfrenta a pós modernidade do pensamento ensaiando corretamente novos conteúdo e novos limites ao *Homo Rational*, mas isto não implica necessariamente em dissolver o Homem como algo inexistente ou ainda descrevê-lo totalmente passivo à estruturas sejam elas quais forem, como prevê o marxismo, o estruturalismo, o pós estruturalismo e o desconstrucionismo. Esta visão de passividade ou de ausência do Homem - que nos parece legada pelas Ciências Humanas - seria insuportável a qualquer projeto existencialista (MOUTINHO, 2006, p. 5)

Sartre, a partir de Razão Dialética e de sua Descentralização do Ego, traz algo novo à visão sobre o Homem, mas não rompe com a tradição humanística tão cara ao ocidente, mantendo ainda o Homem, embora com limites e conteúdos diferentes, dentro da seara filosófica, acreditando que ele “pode sempre fazer algo diferente daquilo que fizeram com ele” (SARTRE, 1972, p. 101).

Tal lição salva a CRD 1 de todo as suas contradições e recomenda Sartre como um filósofo de primeira grandeza, que deve ser redescoberto e repensado, pois é luz alta e forte nestes tempos confusos e aparentemente desumanos da história do pensamento.

* * *

Referências

- FLYNN, R. T. *Sartre and the poetics of history*. In: *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge, United Kingdom: Ed. Cambridge University Press, 1992. The Cambridge.
- FRETZ, L. Individuality in Sartre’s philosophy. In: *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge, United Kingdom: Ed. Cambridge University Press, 1992. The Cambridge.
- BARNES E. H. *Sartre’s ontology: The revealing and a making of being*. In: *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge, United Kingdom: Ed. Cambridge University Press, 1992. The Cambridge.
- HOWELLS, C. *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge, United Kingdom: Ed. Cambridge University Press, 1992. The Cambridge.

MOUTINHO L. D. *Tecendo o presente. Oito autores para pensar o século XX*. Curitiba: Ed. SESC Paraná, 2006.

SARTRE, J. P. *A Transcendência do Ego*. In: Cadernos Espinosianos XXII. Tradução: Alexandre De Oliveira Torres Carrasco. São Paulo: Ed. USP, 2010, p. 183-228.

_____. *O Imaginário*. Tradução Duda Machado. São Paulo SP: Ed. Ática, 1996.

_____. *O Ser e o Nada*. 4 ed. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1997.

_____. *Questão de Método*. Tradução: Rita Guedes, Luiz Forte e Bento Prado Jr. In. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1987.

_____. *Crítica da Razão Dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro RJ: Ed. DP&A editora, 2002.

_____. *Situations IX*. Paris: Ed. Gallimard, 1972.